

**AMANDA FERREIRA ALVES**

**PEDAGOGIA E IDOSO: UM OLHAR DA EDUCAÇÃO  
POPULAR E DOS ASPECTOS PEDAGÓGICOS**

**GOIÂNIA**

**2021**

**AMANDA FERREIRA ALVES**

**PEDAGOGIA E IDOSO: UM OLHAR DA EDUCAÇÃO  
POPULAR E DOS ASPECTOS PEDAGÓGICOS**

Monografia elaborada para fins de avaliação parcial da disciplina Monografia, do Curso de Pedagogia da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, sob a orientação do Prof. Dr. Renato Barros de Almeida.

**GOIÂNIA**

**2021**

## AGRADECIMENTOS

Neste momento de finalização de uma jornada de quatro anos, gratidão é algo que não me falta. Quero registrar o meu agradecimento:

À Deus, por realizar o meu sonho de me formar, por me dar sabedoria e por cuidar de mim. Foram duas tentativas frustradas de ingresso no ensino superior, mas o Senhor em sua infinita bondade cumpriu o seu propósito e no tempo certo me colocou onde eu precisava estar.

Ao meu pai, Uilton Alves, pelos sábios conselhos, pelo carinho, pelo colo e por tudo o que fez e faz por mim.

À minha mãe, Neila Ferreira, por todas as vezes que estive ao meu lado, pelo seu cuidado minucioso e por ser uma mãe incrível.

Aos meus irmãos, Lécio Neto e Susy Emily, por todo apoio e por acreditarem em mim.

Aos meus avôs José Alves e Wilson Ferreira, minhas avós Marilza Alves e Isamira Maria, por sempre me incentivarem.

Aos meus tios e primos, pelo suporte e pelo companheirismo.

Ao meu amigo e irmão do coração Sinair Júnior, por estar ao meu lado e não me deixar desistir nos momentos difíceis.

Aos meus amigos Carlos Eduardo Aires, Franciely Lima, Jhully Nancy e Luan Alves, por acreditarem em mim.

Ao meu orientador, prof. Dr. Renato Barros de Almeida, pela atenção, pelo incentivo e pela compreensão de sempre. Me faltam palavras para expressar tamanha gratidão que sinto.

À profª Ma. Ráquia Rabelo Rogeri Isac pela atenção, pelas contribuições e pela disponibilidade em avaliar o trabalho final.

Às minhas colegas de turma, professores e professoras que fizeram parte da minha formação. Obrigada de coração.

À Escola de Formação de Professores e Humanidades – EFPH da PUC-GO por despertar em mim tantos sonhos e por me tornar mais humana.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para que esse sonho se tornasse realidade. Minha gratidão!

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	5
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>CAPÍTULO I – EDUCAÇÃO POPULAR, IDOSOS E PEDAGOGIA</b> .....	9
<b>1.1 – O que discutem as produções no campo da educação popular e de idosos: um levantamento a partir do banco de teses e dissertação da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia</b> .....	9
<b>1.2 Discussões da educação popular e educação de idosos em livros de autores brasileiros</b> .....	13
<b>CAPÍTULO II – PRÁTICAS EDUCATIVAS COM PESSOAS IDOSAS E/OU PÚBLICO 60+</b> .....	21
<b>CAPÍTULO III – AS UNIVERSIDADES ABERTAS PARA A TERCEIRA IDADE COMO EXPERIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO COM IDOSOS</b> .....	29
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	35
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	37

## **RESUMO**

**ALVES, A. F. Pedagogia e Idosos: um olhar da educação popular e dos aspectos pedagógicos.** Goiânia, 2022, 37f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Pedagogia). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia.

A presente pesquisa tem como objetivo entender a importância da educação popular para o educando idoso, identificar quais os desafios que a educação enfrenta no trabalho pedagógico com idosos para aprendizagem por meio da educação popular e analisar a forma como a educação popular pode estimular o educando idoso. Discorre em que medida a educação popular tem contribuído com educandos idosos. Por meio de pesquisa bibliográfica, fundamenta-se em Buaes (2015); Freire (1983); Freire e Nogueira (1989); Pereira (2016); Pini (2019), Carvalho (2020); Goi, Pereira e Veiga (2018), Pires e Lima (2007) e outros autores que discutem e contribuem sobre educação popular para idosos. Considera, finalmente, a importância da educação popular para o idoso no sentido de proporcionar a este sujeito uma vida ativa e de qualidade.

**Palavras-chave:** Pedagogia; Idoso; Educação Popular; Práticas Pedagógicas.

## INTRODUÇÃO

Este texto monográfico foi realizado como exigência da disciplina de Monografia II do curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. A monografia teve por intenção discutir a educação popular com educandos idosos, buscando conhecer algumas práticas e experiências que envolvesse pessoas idosas.

A população idosa vem crescendo em nossa sociedade. No Brasil, o número de idosos com idade igual ou superior a 60 anos contabiliza mais de 30 milhões de pessoas. Nota-se o aumento da expectativa de vida desse público e isso tem feito com que busquem mais qualidade de vida. Viver bem na velhice está associado a uma vida ativa. No âmbito educacional, não há uma estrutura ou política pública específica para o idoso que na maioria das vezes não obteve acesso à educação básica. Por esses fatores, a educação popular tem conquistado cada vez mais espaço em nossa sociedade e tornou-se referência para práticas educativas com idosos.

O objetivo da pesquisa foi entender a importância da educação popular para o educando idoso, identificar quais os desafios que a educação enfrenta no trabalho pedagógico com idosos para aprendizagem por meio da educação popular e analisar a forma como a educação popular pode estimular o educando idoso. Nessa perspectiva, torna-se necessário investigar em que medida a educação popular tem contribuído com educandos idosos.

A investigação aqui realizada é por meio de pesquisa bibliográfica. Elencamos para contribuir os seguintes autores: Buaes (2015); Freire (1983); Freire e Nogueira (1989); Pereira (2016); Pini (2019), Carvalho (2020); Goi, Pereira e Veiga (2018), Pires e Lima (2007) e outros autores que discutem e contribuem sobre educação popular para idosos. Os estudos dessa pesquisa mostram que o acesso à educação popular é fundamental para o desenvolvimento social, emocional e cultural e ainda nos levou a pensar sobre suas memórias e relações com a educação. Este trabalho ocorreu de forma remota pela Plataforma Teams em razão da pandemia da Covid 19.

A presente monografia está estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo, “Educação popular, idosos e pedagogia”, realizamos um levantamento subdividido em dois tópicos. O primeiro sobre o que discutem as produções no campo da educação

popular e de idosos. Percebe-se que nas últimas décadas há um redirecionamento dos objetivos da educação popular. Destaca também a importância do pensamento freiriano para essa temática. O segundo tópico aborda discussões da educação popular e educação de idosos em livros de autores brasileiros. Apresenta contribuições de Paulo Freire e Nogueira para a construção da educação popular.

O segundo capítulo, práticas educativas com pessoas idosas, faz um recorte das principais dimensões que envolvem essas práticas. Apresenta alguns exemplos de práticas pedagógicas e atividades para o trabalho com idosos, bem como a importância de levar em consideração e respeitar a individualidade desse sujeito.

O terceiro capítulo, exemplifica programas presentes no Brasil e no mundo voltados para o público idoso. Apresenta os objetivos e contribuições desses programas para proporcionar um envelhecimento ativo e saudável e menciona relatos de alunos que participaram dessas instituições.

O tema proposto para o estudo nesta Monografia, pesquisar a educação popular tendo como referência ao idoso, nos chamou a atenção sob algumas perspectivas: em relação ao aspecto pessoal, acadêmico e da produção do conhecimento na área.

Em relação a minha justificativa pessoal, busquei compreender a importância da educação popular para o educando idoso na perspectiva de entender o que para estes sujeitos esta modalidade contribui em relação ao estímulo à vida, seus benefícios e ainda quais os desafios que eles enfrentam para estarem em situação formativa.

Este tema, surgiu em minha vida por meio das contrapartidas da OVG (Organização das Voluntárias de Goiás). Por meio desta, tive a oportunidade de auxiliar a pedagoga Professora Silvia, no Centro de Convivências de Idosos (CCI), localizado no setor Cândida de Moraes em Goiânia. As atividades em que auxiliei a professora e os idosos envolvia caligrafia, palavras cruzadas, caça-palavras, pinturas, recortes, entre outras, e logo me chamou atenção a interação com idosos devido ao efeito de troca. Eu percebi o quanto era importante para eles aquele momento de aprendizado, e para mim como auxiliar, o aprendizado que adquiri com suas experiências de vida.

Neste sentido, esta pesquisa se justifica em minha vida profissional e pessoal a medida em que possa contribuir para pensar a atuação como professora e ainda como profissional da educação em seu sentido mais amplo.

Em um segundo aspecto, esta pesquisa se justifica academicamente de modo que entendemos a relevância deste tema para a formação de professores e ainda para a compreensão da educação como uma prática social e pedagógica. Ainda pensamos que

esta pesquisa possa ser motivadora de outras pesquisas que possam valorizar a população idosa em seu percurso formativo humano.



## **CAPÍTULO I – EDUCAÇÃO POPULAR, IDOSOS E PEDAGOGIA**

O presente capítulo apresenta um levantamento sobre o que discutem as produções no campo da educação popular e de idosos a partir do banco de teses e dissertações da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e das discussões da educação popular e educação de idosos em livros de autores brasileiros. Temas que servirão de suporte para a compreensão da educação popular em especial de idosos, além de elucidar a importância e contribuições da perspectiva freiriana para essa temática.

### **1.1 – O que discutem as produções no campo da educação popular e de idosos: um levantamento a partir do banco de teses e dissertação da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia**

Na intenção de descrever e explicar o tema proposto, foi realizado um levantamento teórico-bibliográfico sobre a temática no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e na Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO).

Para o levantamento de dados nos bancos mencionados, foi necessário combinar alguns descritores sobre a temática Educação Popular/idosos, separados pela palavra “AND”, utilizamos o filtro buscando trabalhos realizados nos últimos 5 anos (2015-2020), idioma Português-BR, pois assim os trabalhos pesquisados nas plataformas resultariam na combinação dos dois termos e seria excluído os trabalhos que abordassem apenas um dos termos pesquisados. Refinamos o levantamento excluindo os trabalhos que não estavam relacionados a área da educação e ao público idoso. Encontramos pesquisas das seguintes áreas de conhecimento: Saúde social, Matemática, Educação Física, entre outros; estes após serem excluídos restaram 38 (trinta e oito) trabalhos na amostra do Banco de Teses e Dissertações (BDTD) e 2 (dois) no SciELO. Por fim, optamos apenas pelos trabalhos que abordavam a discussão sobre Educação Popular para o Idoso e após realizarmos a leitura dos resumos e sumários para apurar se, de fato, os trabalhos traziam os objetivos acerca da temática escolhida, realizamos o recorte final de 3 (três)

pesquisas levantadas, sendo 1 (um) do Banco de Teses e Dissertações (BDTD) e 2 (dois) artigos do Scielo.

O primeiro trabalho é uma tese intitulada Educação de Pessoas Idosas: Um estudo de caso da Universidade da Maturidade no Tocantins da autora Fabiola Andrade Pereira da Universidade Federal da Paraíba. A tese apresenta reflexões acerca da Educação Popular e da Educação de Pessoas Jovens e Adultas (EPJA) com destaque dado aos idosos, grupo em crescente ascensão em todos os espaços (grupos familiares, programas e projetos de extensão das universidades públicas e privadas, nos programas e projetos de assistência social, nos serviços oferecidos em postos de saúde, e aqueles mediados por agentes comunitários, entre outros). A autora nos leva a refletir sobre o período de 1990 do século XX aos dias atuais para reconhecermos que nos últimos tempos a Educação Popular passa por um processo de reformulação com vários avanços importantes no contexto de transformar e agir contra a homogeneização e lutar pela emancipação da sociedade. Gohn (2002, p.54), destaca que os anos 1990 constituíram para a Educação Popular, na América Latina, um momento de grandes revisões que propiciaram um redirecionamento dos objetivos da Educação Popular, alterando em certa medida o sentido de suas ações. Se os objetivos antes tinham como foco a política e a estrutura da sociedade, hoje se voltaram mais para os indivíduos, sua cultura e suas representações.

Na tese de Pereira (2016), a autora afirma que é importante trazer o pensamento freiriano pois este intelectual afirma que é necessário sempre ter a realidade como premissa do sujeito. Esse pensamento de Freire, de acordo com a autora da tese envolve uma redefinição fundamental para a educação popular visto que esta não pode perder sua tarefa principal de formação de homens críticos pois precisamos de pessoas que sejam capazes de ler e ler o mundo de forma crítica. Como dito pela autora, “[...] o pressuposto é conhecer para tomar consciência do mundo e poder transformá-lo: não basta somente entendê-la, é necessário vivê-la acima de tudo.” (PEREIRA, 2016, p.38)

A autora destaca que é importante entender que as ideias que movimentam o pensamento freiriano indicam a educação como norteador para a construção de uma visão ampla do homem. A educação é um instrumento poderoso na busca pela dignidade independentemente da idade, gênero, raça, classe social, religião. A autora afirma que essa dimensão contribui pela transformação da sociedade injusta em uma sociedade humana, igualitária e democrática.

Pereira (2016) destaca que a Educação Popular vem sendo impulsionada e aos poucos tem se constituído e possibilitado oportunidades educacionais seja em ambientes

formais ou não formais para pessoas de todas as idades e que o atual momento que apresenta mudanças na economia e no aspecto político-social tem sido um momento adequado para essas novas oportunidades possibilitando a ampliação da visão acerca da prática política e pedagógica emancipatória.

Acerca dos idosos, a autora aponta que a presença desses sujeitos nos diferentes espaços educativos são questões merecedoras de reflexões pois estes buscam ser visíveis e reconhecidos através dos movimentos sociais instituídos e por meio das experiências construídas. A autora apresenta em sua tese uma análise estrutural sobre a Educação de Idosos que apresenta a Educação Popular como uma educação alternativa e injusta visto que deveria apresentar claramente uma intencionalidade política, ética e pedagógica para promover a transformação pessoal e social das pessoas, a construção de uma sociedade mais justa e democrática e como um ponto de encontro da diversidade.

A autora também destaca o caráter transformador da Educação Popular podendo ser compreendido como “um empreendimento social que dá sentido ao ser, ao fazer, ao viver e ao conviver, dentro de uma perspectiva de educação ao longo da vida e sem limites de idade sustentada pela construção, atualização e aquisição de novos conhecimentos, pela promoção da saúde, pelo crescimento cultural e pela inserção participativa econômica e política na sociedade” (PEREIRA, 2016, p.44)

Outro ponto importante apontado pela autora é que a prática educativa direcionada aos idosos tem estimulado a sociedade a buscar reconhecer o sujeito idoso na vida social devido a supervalorização dos jovens. Tal mudança tem fortalecido e motivado os idosos em continuar aprendendo e conseqüentemente essa ação alimenta sua identidade e o seu sentimento de pertencimento. A luta em ser reconhecido como sujeito que produz, pensa e age tem sido o foco desses sujeitos segundo a autora.

O segundo trabalho refere-se a um artigo intitulado Educação Popular em Direitos Humanos no Processo de Alfabetização de Jovens, Adultos, Idosos: Uma experiência do Projeto Mova-Brasil da autora Francisca Rodrigues Pini. O artigo apresenta as contribuições do projeto Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA-SP) lançado por Paulo Freire que posteriormente foi adotado por várias prefeituras brasileiras municipais e estaduais como estratégia para enfrentar o analfabetismo.

A autora menciona que através da metodologia MOVA foram articulados o letramento e a politização ao exercício da cidadania para promover a participação popular. De acordo com a autora, a práxis da Educação Popular em Direitos Humanos possibilitou

juntamente com os educadores a construção de processos educativos aos mais diversos segmentos sociais promovendo a inserção nos espaços públicos e a formação profissional.

No artigo de Pini (2019), a autora afirma que o Projeto MOVA-Brasil em parceria com outras instituições como a Petrobras com histórico em ações educativas que promovem a mobilização social e a geração de emprego e renda, atua nas causas de analfabetismo associadas a pobreza e ainda contribui para a transformação de diversas comunidades pelo país. Segundo a autora, em 2012 o Projeto MOVA-Brasil juntamente com suas parcerias buscou assegurar o acesso ao trabalho aos educandos.

A autora destaca ainda a importância da Educação de Jovens e Adultos (EJA) possuir um modelo pedagógico próprio visando atender e satisfazer as necessidades de aprendizagem dos jovens e adultos atentando-se as dimensões do trabalho e da cidadania.

O terceiro trabalho refere-se a um artigo intitulado Educação Financeira com Idosos em um Contexto Popular da autora Caroline Stumpf Buaes da Faculdade Meridional (IMED). A autora nos leva a refletir sobre a importância de se pensar em intervenções educativas para os idosos, aborda questões relacionadas a melhora da condição financeira dos idosos e o despertar do interesse das mais diversas instituições financeiras.

A autora menciona a necessidade de educar consumidores idosos e realizou pesquisa com mulheres idosas com o objetivo de analisar o conhecimento relacionado as práticas de consumo e decisões financeiras. Segundo a autora, a ação foi baseada em Paulo Freire e a Educação Popular.

A autora descreve que até o início da década de 1990, os idosos tinham sua imagem social relacionada a pobreza, porém a partir desse período os idosos passaram a ser importantes no cenário do mercado de consumo cujos bancos e empresas financeiras passaram a dar maior atenção, isso devido ao aumento dos benefícios sociais.

Conforme Buaes (2015), grande parte das famílias brasileiras são chefiadas por idosos e que de acordo com pesquisas pode observar que idosos de baixa renda utilizam de empréstimos bancários para outros membros da família, para pagamento de dívidas ou sustento da casa podendo gerar situações problemáticas relacionados a dependência e/ou violência.

A autora descreve ainda que o consumo está relacionado a identidade do sujeito e que este gera o sentimento de pertencimento a determinada classe social com suas diversas características cujos sujeitos são manipulados pelos objetos de consumo tendo como critério a inclusão e exclusão social. A autora afirma que essa prática de

manipulação se refere ao interesse do Estado e das instituições financeiras em expandir o mercado financeiro. Por isso a necessidade de educar consumidores idosos, para a organização de finanças pessoais e investimentos financeiros.

Segundo a autora, espera-se que idosos alfabetizados financeiramente consumam de maneira consciente, façam pesquisas eficazes antes de realizarem a compra ou investirem, saibam reagir diante de empresas desonestas com os consumidores e conseqüentemente o Estado invista na fiscalização de empresas financeiras.

## **1.2 Discussões da educação popular e educação de idosos em livros de autores brasileiros**

A obra *Que fazer: Teoria e Prática em Educação Popular* cujo autores são Paulo Freire e Adriano Nogueira foi publicada em 1993 em Petrópolis-RJ pela editora Vozes. Os autores apresentam a relação entre Movimento Popular e Educação Popular no decorrer dos capítulos. Paulo Freire foi um educador e filósofo brasileiro mundialmente conhecido dada a sua influência no movimento conhecido como pedagogia crítica e fez grande contribuição para o fortalecimento do Movimento Popular. Nogueira (1989), professor universitário de filosofia há muito tempo se engajou em movimentos de Educação Popular e se declarou eterno aprendiz sobre o assunto. Ambos os autores possuem interesse sobre o tema Educação Popular de acordo com suas trajetórias.

O livro se concebe através do diálogo entre os autores sobre a Educação Popular acerca do processo educativo que segundo eles rompe com a tradição educacional que se ocupa exclusivamente com a elite opressora correspondente a uma minoria social. É revelado logo na apresentação de Clodovis Boff o quão complexo é a Educação Popular indicando a necessidade de elaborações mais detalhadas no sentido de “problematizar” um pensamento. A obra é destinada a pessoas abertas para esse aprendizado e empenhadas em trabalhos a favor da transformação social.

Na Introdução, o autor Adriano Nogueira questiona Paulo Freire como se deu o nascimento de Educação Popular. Segundo Freire e Nogueira (1983), a Educação Popular ganha força por meio de várias razões, sendo elas: estilo de fazer política onde surgiu uma compreensão sobre movimentos de classes populares. A segunda razão foi a industrialização urbana cuja intencionalidade era educar as pessoas para o progresso do país, se tornou nítido para grande parte das pessoas a insuficiência das escolas. Outra

razão foi a curta relação entre educação e transformação da sociedade. A educação não se limitaria apenas em educar para transformar as pessoas, mas levasse as pessoas a refletirem sobre a transformação do país inteiro. No final do primeiro capítulo, Nogueira pede a Freire uma primeira “definição” de educação popular, sendo o assunto do capítulo seguinte.

Freire e Nogueira (1983) iniciam o capítulo apresentando o seu entendimento sobre a Educação Popular. Para eles, há uma estreita relação entre escola e vida política. Corresponde ao esforço no sentido de mobilização, organização popular, do saber e capacitação dessa classe em que se necessita poder para transformar a escola destinada a burguesia. Essa definição é um modo de conhecimento que tem como ponto de partida a prática política. Para Freire e Nogueira, o conhecimento do mundo também é feito através das práticas do mundo e através delas inventamos uma educação familiar às classes populares. Eles afirmam que o saber popular é adquirido dentro de lutas cotidianas e percebem que sempre que se luta há uma certa clareza sobre aquilo porque se luta e uma intenção de remover obstáculos. Descobre-se o limite da necessidade em determinado momento, assim sondando soluções para a transformação da necessidade popular.

No capítulo seguinte, Freire e Nogueira afirmam que é indispensável o conhecimento ordenado para a luta popular haja vista que facilita a atuação dos programas. Esse conhecimento tem como compromisso percorrer os caminhos da prática haja vista que se faz imediato a reflexão por via dos corpos humanos que encontram-se resistindo e lutando, e conseqüentemente aprendendo. Para Freire e Nogueira (1993, p.26) “durante a dimensão reflexiva da luta popular ele aprende com os corpos que superam limitações.” Os autores consideram um risco e uma conquista. Um risco, pois, acreditam que é tirado desses grupos a autonomia de saber, aprender e se impede as práticas de conhecimento. Por outro lado, considera-se uma conquista por se tornar um meio para que esses grupos saibam melhor aquilo que já sabem e assim, haverá uma forma da organização do saber.

Posteriormente, os autores discorrem sobre a temática: O texto escrito reaproxima o leitor de sua própria vida. Segundo Freire e Nogueira, há maneiras diferentes de se organizar o saber. Através do corpo, que se organiza por meio das ações e práticas de vida, e através do texto que remete a escrita e se organiza através de conceitos, acordos etc. De acordo com Freire e Nogueira, a utilidade social de um texto acontece quando as pessoas organizam sua compreensão de vida de acordo com suas práticas. “Através dele,

as pessoas reescrevem seu cansaço, reescrevem suas esperanças e formulam propostas coletivas. Propostas que melhoram o jeito de viver.” (FREIRE; NOGUEIRA, 1993, p.34)

Seguindo para o capítulo: O conhecimento gerado na reflexão da favela e o conhecimento gerado nessa nossa reflexão, os autores iniciam o dialogando sobre a percepção do grupo popular da favela referente aos intelectuais que chegam até eles com discursos bem-posto. Chegam à conclusão tendo como base uma reflexão proposta por esse grupo, é de que os conteúdos surgem como uma lista de problemas. O próprio grupo, de acordo com Freire e Nogueira, se organiza para descobrir possibilidades para solucionar esses problemas e o próprio grupo nos convoca a buscar através das soluções desses problemas diferentes formas de aprender sobre a realidade. Sobre esse processo, os autores afirmam: “Esse procedimento faz com que a prática se dê a uma reflexão e crítica. As pessoas então aprendem a aprender, como eles disseram, as pessoas apreendem a prática como uma curiosidade dos corpos.” (FREIRE; NOGUEIRA, 1993, p.40) Esse procedimento faz com que esse grupo construa conteúdo da luta popular a partir da sua compreensão coletiva sobre as dificuldades e soluções cotidianas sendo, portanto, conteúdos significativos manuseados pelo educador popular.

No capítulo seguinte, Nogueira convida Freire para conversar sobre o educador da escola formal. Os autores dialogam sobre o educador que se questiona sobre qual a melhor maneira de trabalhar conteúdos relacionados aos interesses e especificidades das crianças que vivem em periferias. Segundo eles, quando esse profissional começa a se questionar, ele também começa a entender que esse tipo de estudo comum que ocorre diariamente não é o suficiente para essas crianças pois atuam contra os seus interesses e particularidades. Esse profissional descobre que na verdade, essas crianças estão sendo desrespeitadas e que entre eles não existe apenas planejamento e conteúdo, existe os aspectos influenciados pela vida. A partir do momento em que esse professor atua com pessoas de diferentes culturas, fica claro a natureza política de sua profissão, segundo os autores. Esse professor está a serviço de crianças. Esse serviço possui uma dimensão política na medida em que ajuda ou inibe a criança de relacionar as questões culturais com a aprendizagem de conteúdo. Os autores afirmam: “É então que o olhar do(a) profissional se amplia, enxerga as influências e as conotações da vida. Ele ou ela enxergam que essas influências interferem na relação com as crianças e condicionam o aprendizado.” (FREIRE; NOGUEIRA, 1993, p. 49)

No capítulo intitulado “Nossa postura crítica e a instituição onde atuamos”, os autores dialogam sobre como os profissionais se adaptam as normas e regras das

instituições. Esse conjunto de regras e normas presentes entre as pessoas, são desenvolvidas no sentido de assegurar a preservação do propósito da instituição. Segundo Freire e Nogueira, a partir do momento em que o profissional faz questionamentos sobre a eficiência do trabalho institucional aos seus clientes, ele se torna um profissional crítico que se incomoda com as normas burocráticas rotineiras e associa-se a meios que atendem as prioridades e necessidades da instituição. Os autores afirmam:

[...] a competência profissional não se define, portanto, apenas pelo perfeito cumprimento de regras e rotinas. A competência e a qualidade do trabalho sofrem dois tipos de influência: por um lado, sofrem a influência dos alcances institucionais que condicionam e viabilizam o trabalho mesmo; por outro lado, sofrem a influência por terem ouvidos e olhos atentos a reivindicações da clientela atendida [...] (FREIRE; NOGUEIRA, 1993, p. 57)

No capítulo a seguir, os autores conversam sobre uma pequena parte da grande história da Educação Popular. Nesse capítulo, os autores mencionam assuntos importantes como a educação bancária e sobre os trabalhos críticos desenvolvidos sobre o assunto. Mencionam também o quão atraente era para as pessoas o trabalho da Educação Popular visto que havia muita gente excluída e alto índice de evasão escolar. Segundo os autores Freire e Nogueira, a própria escola que excluía, dizia uma série de palavras de carência para essas pessoas e ainda arranjava nomes para batizar os excluídos, condenando-os ao analfabetismo. A partir de então, esses grupos excluídos, possuíam movimentos de resistência cultural, buscaram reverter a situação da educação e reinventar a escola, assim, não haveria pessoas excluídas, não haveria pessoas analfabetas, silenciadas e excluídas. Não se trataria de depósito e acúmulo de conhecimentos, e sim uma tentativa de inovar o jeito de compreender a realidade e conquistar os espaços. Segundo os autores, a Educação Popular nasceu da cultura e das lutas dos movimentos populares e para essas pessoas, o ato de conhecimento se encontra presente em todo lugar que estão. Sobre a Educação Popular, Freire e Nogueira afirmam que supera a tradicional visão segundo a qual “alguns sabem e os demais aprendem. O importante é participar criativamente em atos de conhecimento. Não se compreende, então, Educação como um banco de dados, mas sim como uma série de envolvimento” (FREIRE; NOGUEIRA, 1993, p. 62).



No capítulo final, os autores conversam sobre o movimento popular como escola de educação popular. Eles afirmam que o Movimento Popular é onde as pessoas se educam. Elas aprendem e exercitam o conhecimento que vai sendo aprendido. A concepção generalizada que temos sobre a educação é aquela em que quem ensina, transmite e quem aprende, recebe, todavia, essa concepção é mudada pelo Movimento Popular pois trata-se de um lugar em que as pessoas somam esforços e aprendem a resolver as dificuldades da vida. Mesmo as pessoas que possuem pouco tempo de estudo, dispõem da oportunidade de participar e somar esforços para resolver as dificuldades da vida e melhorar as condições, esse é o jeito de aprender. De acordo com Freire e Nogueira, “Em vários lugares ocorre de andarem juntos o conhecimento e a transformação para melhor viver. Juntos eles constituem a Escola que é o Movimento Popular” (FREIRE; NOGUEIRA, 1993, p.67).

A segunda obra selecionada corresponde ao livro “Extensão ou comunicação?”, escrita por Paulo Freire. O livro foi publicado inicialmente em 1969 sob o título de “Extención o Comunicación?” em Santiago, Chile pelo Instituto de Capacitação e Investigação em Reforma Agrária. No Brasil, a obra foi publicada no ano de 1983 pela editora Paz e Terra no Rio de Janeiro. Esta obra consiste em um paralelo construído pelo autor entre o agrônomo com o camponês e o professor com o aluno. O livro possui três capítulos, cujo autor parte inicialmente da análise do conceito de extensão em diferentes pontos de vista e posteriormente, ao longo da sua reflexão, discute sobre a reforma agrária e a mudança, mostrando como deve ser a ação educadora e a comunicação para se chegar ao homem concreto inserido em uma realidade histórica.

O primeiro capítulo é dividido em dois tópicos. O primeiro refere-se à aproximação da semântica ao termo Extensão. O autor parte da análise semântica da palavra extensão com o intuito de chegar ao sentido que será o objeto de estudo do texto. Esse sentido corresponde a ação de quem estende conhecimentos e técnicas a alguém. Logo após a análise, o autor parte para a reflexão crítica sobre o conceito de extensão, pois, segundo ele, o conceito não corresponde a um ato educativo que promova libertação. O autor afirma que a tarefa do educador não confere ao conceito de extensão e sim de comunicação. O segundo tópico refere-se ao equívoco gnosiológico da extensão. Para o autor, os conhecimentos do extensionista são os conhecimentos associados a ação do sujeito sobre a realidade que são substituídos por outros. Não se trata exclusivamente do mundo da cultura e da história, e sim da recriação deste mundo que está em recriação permanente, todavia, condicionado ao seu criador que é o homem e em suas formas de

enfrentar as mudanças e a natureza. “Não é possível, portanto, entender as relações dos homens com a natureza, sem estudar os condicionamentos histórico-culturais a que estão submetidas suas formas de atuar” (FREIRE, 1983, n.p).

No primeiro tópico “Extensão e Invasão Cultural” do segundo capítulo, o autor reflete sobre a ação do homem sobre o mundo para que tenhamos um claro conhecimento de nossa ação. Freire menciona também o caráter antidialógico com ênfase na invasão cultural e seus propósitos. “Para que a invasão cultural seja efetiva e o invasor cultural logre seus objetivos, faz-se necessário que esta ação seja auxiliada por outras que, servindo a ela, são distintas dimensões da teoria antidialógica.” (Freire, 1983, n.p). Para o autor, atos como a manipulação e conquista, expressões de invasão cultural, não são vias de libertação. Para que o humanismo verdadeiro seja autêntico, precisa ser dialógico e vivenciar o diálogo, pois este ato se empenha constantemente em transformar a realidade. Porém, o autor afirma que todo novo saber quando se instala, indica o que irá substituí-lo, insistir na improbabilidade do diálogo e nele é perda de tempo. Não se deve ver apenas o humanitarismo de alguém, mas a estrutura que o condiciona e que se encontra inserido. O autor exemplifica o anti-diálogo dos camponeses e seu contexto para entendermos o porquê preferiram não dialogar e alega que para romper o silêncio do camponês não será com o anti-diálogo e sim com o diálogo problematizando o seu próprio silêncio e causas.

O segundo tópico discute a reforma agrária, transformação cultural e o papel do agrônomo educador. O autor inicia esclarecendo que não se deve limitar o trabalho do agrônomo educador a substituição da prática dos camponeses por suas técnicas. O agrônomo deve cumprir o seu papel sem a divisão entre o técnico e cultural no processo da reforma agrária. O autor afirma ainda que o processo de transformação não pode ser considerado algo mecânico e sem a presença dos homens. Segundo o autor o processo da reforma agrária deve ser: “[...] um processo de desenvolvimento do qual resulte necessariamente a modernização dos campos, com a modernização da agricultura.” (FREIRE, 1983, n.p). Freire alega que deve trabalhar todos aqueles que tenham compromisso no processo da reforma agrária. Na visão crítica da reforma agrária, Freire afirma que o agrônomo é desafiado a se preocupar com algo que vai além da assistência técnica, ele deve ingressar-se no processo de transformação conscientizando a si mesmo e aos outros, mais do que um técnico, ser um educador comprometido e ingresso como sujeito.

O terceiro capítulo inicia-se com o tópico “Extensão ou Comunicação”. O autor retoma alguns assuntos discutidos anteriormente e destaca que a intersubjetividade é fundamental na característica do mundo histórico e cultural. Segundo Freire, a função gnosiológica não pode ser reduzida a uma simples relação entre o sujeito e o objeto, é necessário a comunicação entre os sujeitos através da intersubjetividade sobre o propósito do objeto. Freire afirma ainda que toda ação de refletir exige um indivíduo que reflita, um objeto refletido que realiza a mediação e a comunicabilidade entre o primeiro e o segundo indivíduo, desta forma, o mundo humano é um mundo de comunicabilidade visto que o indivíduo que reflete não pode refletir sozinho. Essa interação entre os indivíduos no ato de refletir se dá através da comunicabilidade. Freire destaca que a educação é uma situação gnosiológica no seu sentido mais abrangente, por isso a importância do estudo sobre a comunicação. O autor afirma: “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.” (FREIRE, 1983, n.p). Finalizando o tópico, o autor reflete acerca do humanismo. Para ele, o humanismo que deseja de fato a humanização dos homens, deve desprezar completamente a manipulação, uma vez que esta contraria sua libertação. O humanismo só é verdadeiro quando sucede a ação de transformação dos suportes que se deparam “coisificados” e deve estar amparado na ação comunicativa do agrônomo-educador.

No segundo tópico “A Educação como uma situação Gnosiológica”, o autor reflete sobre modos incorretos aceitar o sujeito, de explicitar sua presença no mundo e sua atuação na história, conseqüentemente originando falsas concepções do ato educativo. O primeiro nega completamente a realidade perceptível e real, assegurando a consciência como fundadora da exclusiva realidade real. O segundo nega a presença do sujeito como um ser que transforma o mundo que aconteceria sem sua decisão. Segundo o autor, não se conduz a coisa alguma a educação qualquer modo que esteja fundamentado em formas de rejeitar o sujeito, é preciso perceber sua interação com a realidade, percebê-lo exercendo uma prática transformadora. É através da interação com a realidade que se debate a educação como um ato frequente de libertação do sujeito, educação esta que não aceita o sujeito afastado do mundo. Freire afirma: “Tanto erra o idealismo ao afirmar que as ideias separadas da realidade governam o processo histórico, quanto erra o objetivismo mecanicista que, transformando os homens em abstrações, nega-lhes a presença decisiva nas transformações históricas.” (FREIRE, 1983, n.p). Para ele, o sujeito só é sujeito, na medida em que sofre as conseqüências de sua própria transformação.

O autor discute ainda sobre o processo de conscientização que não possui caráter individual e sim coletivo. O educador não deve exigí-lo de seu educando, pois assim o domesticará, não se trata também de transmissão do saber pois a educação como situação gnosiológica, o educador pesquisa sozinho em seu espaço, dialoga consigo mesmo e posteriormente amplia o diálogo com os educandos e ambos buscam o conhecimento através da problematização. Não se trata, portanto, de uma memorização do conhecimento e transferência como algo acabado, o seu trabalho é a de problematizar aos educandos para que estes analisem, reflitam e criem caminhos para a compreensão. Sobre a problematização, Freire afirma: “No fundo, em seu processo, a problematização é a reflexão que alguém exerce sobre um conteúdo, fruto de um ato, ou sobre o próprio ato, para agir melhor, com os demais, na realidade.” (FREIRE, 1983, n.p). Freire ressalta que a problematização não deve ter como foco o sujeito e sim a relação do sujeito com o mundo, o sujeito como transformador do mundo, como quem age e se encontra presente nele. Dessa forma, o sujeito reconhecerá que possui a necessidade de conhecer melhor. Esse é o verdadeiro sentido da educação em situação gnosiológica.

## **CAPÍTULO II – PRÁTICAS EDUCATIVAS COM PESSOAS IDOSAS E/OU PÚBLICO 60+**

O presente capítulo discorre sobre as principais dimensões que envolvem as práticas educativas com pessoas acima de 60 anos, sendo o idoso, a pedagogia, o pedagogo e por fim, grupos de práticas pedagógicas para idosos. Conta com contribuições dos autores: Carvalho (2020); Goi, Pereira e Veiga (2018) e Pires e Lima (2007).

Para iniciarmos a abordagem sobre as práticas pedagógicas com pessoas idosas é importante compreendermos a sua dimensão. Iniciaremos nesse primeiro momento discorrendo sobre o idoso. Para a Organização mundial da Saúde (OMS), idoso é todo indivíduo com 60 anos ou mais. A velhice é uma etapa da vida humana que precisa ser aceita com naturalidade e torna-se necessário o preparo para viver esse período da melhor maneira possível. De acordo com Carvalho:

O desafio consiste não apenas em “dar mais anos à vida” e, sim, “mais vida aos anos vividos”, o que pressupõe repensar o processo de envelhecimento e sistematizar novas formas de viver a longevidade, preservando os princípios da dignidade, da autonomia e da solidariedade através da criação de condições que permitam potencializar a qualidade de vida e bem-estar, proporcionando um aumento de anos de vida com qualidade. (CARVALHO, 2020, p.18).

Historicamente, o envelhecimento não despertou o interesse científico ou social como a infância e a adolescência. As ciências humanas, em especial a psicologia e a educação no início do século XX, inclinaram-se ao público infantil e de jovens e adultos. Apenas a medicina tratava como objeto de estudo científico os casos patológicos da velhice. Em meados dos séculos XVIII e XIX, foi criada a especificidade médica geriátrica que tratava as doenças decorrentes do envelhecimento, todavia, apenas na metade do século XX com a criação da gerontologia como nova especialidade transformada em um campo cujo objetivo era detalhar e esclarecer as alterações próprias do processo de envelhecimento e seus fatores biológicos, tornou-se importante estudar sobre a velhice.

O número de idosos vem crescendo de forma acelerada em nossa sociedade. Atualmente, os números apontam que uma a cada dez pessoas possui 60 anos de idade ou

mais e há uma estimativa que para 2050, o levantamento será uma a cada cinco pessoas em todo o mundo. Esse crescimento provoca o aumento das demandas sociais e se torna um grande desafio para a economia, para a política e para a sociedade.

Apesar do envelhecimento ser global, o processo de envelhecimento não é similar para todas as pessoas haja vista que é influenciado por fatores sociais, psicológicos e fisiológicos. O processo de envelhecimento ocorre de maneira natural por fatores biológicos, no entanto, a sua condição é estipulada pela cultura. Surge então a necessidade das diferentes áreas profissionais se unirem visando ampliar o conhecimento sobre o envelhecimento e sobre como tornar esse processo saudável.

A velhice não tem sido uma etapa agradável para todos devido os idosos vivenciarem situações de preconceito, exclusão, desprezo e desvalorização. Essas situações são visíveis em diferentes espaços, sejam públicos ou privados. O próprio sistema educacional tem uma estrutura direcionada para as gerações mais novas de forma que a educação para o idoso permanece de certa maneira abandonada e incompreendida. Goi, Pereira e Veiga (2018, p.8) afirmam que apesar da inclusão do idoso na EJA, percebe-se que caracterizá-lo como adulto faz submergir todas as suas peculiaridades, além das diferenças conceituais e necessidades educacionais. O cenário de exclusão da velhice decorre da pobreza, da insuficiência da aposentadoria, das perdas sociais, do desemprego e da assistência de saúde pública precária.

No Brasil, a sociedade despreza os conhecimentos acumulados dos idosos, os quais são castigados em vários aspectos: primeiro, pela família que os marginaliza nas decisões e reflexões do **dia a dia**, muitas vezes internando-os em instituições apropriadas; segundo pelo sistema social que os faz voltar ao trabalho depois de aposentados para complementar o orçamento doméstico, além de não investir em planos educativos para preencher seus momentos livres de maneira digna para essa idade.” (PIRES; LIMA, 2007, p.407).

A sociedade atual valoriza a produção, o capital e a mão de obra. Nesse sentido, o preconceito ocorre porque o idoso é visto como alguém incapaz de trabalhar, de estudar ou manter relações sociais devido as suas limitações ou dificuldades. Muitas vezes é considerado como ocioso por atuar de maneira lenta e não obter o mesmo desempenho dos jovens. Essa concepção de que os idosos são incapazes surgiu na sociedade capitalista que preza o indivíduo com base no critério de produção material.

Muitos idosos se sentem excluídos pela sociedade e pelas próprias famílias que não os acolhem em alguns momentos. O desrespeito e a violência também têm feito parte

dessa realidade. Outro fator é que a sociedade muitas vezes oprime os idosos quando consideram os seus conhecimentos como ultrapassados e diminuem suas experiências. Por tudo isso, o envelhecimento acaba despertando sentimentos de desconforto e inutilidade. Percebemos que a população idosa aumenta significativamente, todavia os suportes necessários para esse público não evoluem na mesma proporção.

Para que o idoso supere essas situações, é necessário que ele se perceba como sujeito ativo, capaz de participar, produzir, ser independente, aprender e ensinar e acima de tudo atribua importância e significado para suas experiências de vida. Além disso, é dever do Estado, da família e da sociedade oferecer amparo ao idoso e garantir o seu bem-estar.

O aumento da expectativa de vida tem feito com que os idosos busquem cuidados com a sua saúde, com sua vida social e com suas finanças. As novas demandas desencadeadas pelo crescimento da população idosa reivindicam que a sociedade, os familiares, as instituições de formação profissional e as políticas públicas contribuam para o processo de envelhecimento saudável, proporcionem aos idosos a autonomia, a aceitação das mudanças, o controle de doenças, a interação social e torne acessível a prática de atividades físicas e meios de aprendizagens.

No ponto de vista da educação, é necessário entender que o envelhecimento deve ser visto como progresso e não um problema. Por se tratar de uma realidade social, a intervenção educativa é importante uma vez que proporciona o aprendizado de novos conhecimentos e oportunidades visando o bem-estar. Há uma compreensão coletiva de que a velhice está relacionada a limitação física e mental sendo um fator negativo para os aspectos sociais e econômicos. Essa compreensão é um dos fatores que colaboram para que os idosos sejam excluídos socialmente. Os idosos podem apresentar algumas limitações ou dificuldades por questões biológicas, mas não significa que sejam incapazes de realizar tarefas. Logo, educar para envelhecer se torna indispensável para promover a consciência e alterar a visão social sobre o envelhecimento humano.

Vale lembrar que o processo de envelhecimento não é o mesmo para todos. O processo pode ocorrer de duas formas: através da senescência e/ou da senilidade. A senescência corresponde ao processo de envelhecimento humano natural que abrange todas as alterações que ocorrem no corpo humano com o decorrer do tempo. Faz parte desse processo as alterações funcionais, orgânicas e morfológicas que resultam em cabelo branco, perda de massa etc. Essas alterações não configuram doenças. A senilidade corresponde ao processo patológico de envelhecimento. Está ligada a fatores

fisiopatológicos e/ou doenças crônicas decorrentes de acidentes, quadros neurodegenerativos que restringe ou incapacita demasiadamente a autonomia do idoso como a diabetes, a hipertensão etc.

O segundo aspecto importante para compreendermos a dimensão das práticas pedagógicas é a Pedagogia. O crescimento da população idosa tem se tornado um desafio não só para a sociedade, mas também para a Educação. Enquanto o crescimento desse público acontece, a Educação continua voltada para crianças, jovens e adultos. Existem poucas pesquisas e estudos sobre pessoas idosas, em consequência, permanece mínima a mobilização que busca promover a educação para esse público. Sendo assim, não existe como teoria e ciência da educação uma pedagogia para o idoso. De acordo com Rodrigues (1999 apud PIRES E LIMA, 2007, 409), não há uma pedagogia para o idoso, o que existe são técnicas de trabalho com pessoas idosas em um processo de aprendizagem; técnicas que são desenvolvidas em instituições públicas ou privadas e grupos organizados. Não há uma pedagogia do idoso ou para o idoso, a pedagogia parte dele mesmo, das suas necessidades e de suas experiências.

A pedagogia com o idoso é caracterizada como educação não formal e em ambientes não escolares, que está diretamente atrelada à Pedagogia Social. Caracteriza-se como um organismo de conscientização da mudança social, já que procura organizar e preparar a população a apropriar-se de seus direitos de cidadania. Não se estabelece apenas através dos conteúdos, mas igualmente entre as relações de troca dialógica e socializada entre os atores que se compõe no e pelo processo educativo. (Goi; Pereira; Veiga, 2018, p.12).

A Educação atrelada a Pedagogia social percebe as condições reais em que os educandos se encontram. Busca motivá-los através de intervenções pedagógicas que vão de encontro com suas necessidades e vivências. Possibilita a mudança de hábitos, atitudes e crenças proporcionando ao idoso uma velhice digna. Pode servir como apoio para auxiliá-los a conquistarem novos espaços sociais, a buscarem melhores condições de vida, desenvolver e estimular as suas habilidades, contribuir para um envelhecimento saudável, ou seja, o principal objetivo é proporcionar ao idoso qualidade de vida. Além dos idosos se desenvolverem, atualizam os seus conhecimentos, elevam sua autoestima, assumem atividades diárias com autonomia e evoluem em sociedade.



Para o desenvolvimento de técnicas de trabalho com pessoas idosas é necessário levar em consideração a individualidade do idoso, entender sua condição pessoal, social, física, o contexto em que está inserido e assim buscar estimular a convivência, a participação em atividades, respeitar suas necessidades e interesses como estímulo a capacidade cognitiva e saúde mental do público idoso. importante que as novas aprendizagens possibilitem ao idoso melhor convívio com a sociedade moderna.

A realização desse trabalho demanda que o profissional esteja preparado para lidar com o público 60+. É essencial o profissional ter paciência e cautela haja vista que algumas atividades demandam tempo para os idosos refletir e elaborarem suas ações. Em alguns casos há necessidade de repetir informações várias vezes para que sejam compreendidas e assim o idoso execute determinada tarefa. De acordo com Pires e Lima (2007), sugere-se ao educador de idosos usar tarefas explícitas, buscando nos conhecimentos, na experiência anterior deles, o conteúdo para as aulas. Portanto, é necessário adotar técnicas próprias para esse público. Desse modo, o pedagogo estará apto para elaborar os objetivos e através deles designar o método pedagógico para que o trabalho seja eficaz.

O terceiro aspecto importante é o pedagogo. A ampliação do campo de atuação do pedagogo possibilitou a esse profissional o trabalho com idosos em diversos espaços como hospitais, empresas, abrigos, trabalho em conjunto com outros profissionais formados para atuarem diretamente com idosos tais como enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais, entre outros. Para a realização do trabalho nesses diferentes espaços, o pedagogo precisa estar se qualificando constantemente haja vista que não há uma metodologia própria e por se tratar de uma educação para pessoas idosas, as atividades devem ser desenvolvidas levando em consideração as vivências e saberes de cada sujeito, sua individualidade e dificuldades buscando motivar o aluno com base em seus interesses.

A partir do contexto, das experiências e na relação entre educador e educando, o profissional pedagogo definirá atividades que colaborem de maneira significativa para o desempenho social e intelectual do educando idoso. Vale lembrar que o afeto, o respeito e a solidariedade dos professores contribuem significativamente para o desenvolvimento dos trabalhos, as relações tornam-se positivas visto que o idoso irá se sentir valorizado. Observa-se então a importância do pedagogo nesse processo pois a ele compete a responsabilidade de adequar as técnicas de trabalho da melhor maneira possível visando atender as necessidades e proporcionar o bem-estar do idoso.

Antes de adentrar nas práticas pedagógicas, é importante compreendermos a diferença entre práticas pedagógicas e práticas educativas. As práticas pedagógicas se referem a práticas sociais exercidas cujo objetivo é concretizar os processos pedagógicos enquanto as práticas educativas se referem a práticas que são executadas visando concretizar os processos educacionais. São conceitos que estão articulados, todavia possuem particularidades distintas. As práticas educativas dizem respeito ao modo de condução do ensino, os objetivos a serem alcançados, quem são os envolvidos e como se dará a sua participação. Torna-se prática pedagógica quando a organização possui intencionalidades que visam atender determinadas expectativas educacionais.

As práticas pedagógicas referem-se a práticas sociais conforme mencionado anteriormente, podendo ser exercidas em ambiente formal ou não formal cuja finalidade é efetivar os processos pedagógicos. Dando ênfase no ambiente não formal para pessoas idosas, a educação nesses espaços é fundamental pois trata-se de pessoas que necessitam de uma atenção maior e boa parte carecem de companhia. Percebemos que muitos vivenciam uma realidade de exclusão da sociedade e em alguns casos a rejeição e abandono pela própria família.

As práticas pedagógicas devem ser adotadas com base no contexto social no qual o sujeito está inserido uma vez que estão relacionadas com as práticas sociais. A escolha de boas práticas pedagógicas para os idosos é muito importante pois são essenciais para a promoção do seu bem-estar em todos os aspectos, é uma oportunidade de vivenciarem novas experiências e superarem a realidade de exclusão. Desta forma, quando bem escolhidas e planejadas, geram resultados satisfatórios.

Dentre inúmeras práticas pedagógicas podemos mencionar: a aprendizagem compartilhada que estimula a prática de aprendizagem entre pares, atividades em grupo favorecendo o desenvolvimento de capacidades essenciais para o convívio social, projetos educativos para o estímulo de uma memória saudável do idoso, trabalhos que envolvam a coordenação motora e trabalhos com as memórias. Essas e outras atividades são maneiras de proporcionar aos educandos idosos que se sintam incluídos em sociedade e sintam-se sujeitos produtivos e capazes, além de proporcionar melhoria nos aspectos físicos, psicológicos e emocionais.

Para explicitar nossa compreensão, trabalharemos cada grupo de práticas citadas acima. A primeira, aprendizagem compartilhada, envolve a estimulação do processo de ensino. Esse tipo de aprendizagem ocorre em dupla e possibilita a troca de experiências,

conhecimentos e interação, além de favorecer para que o ambiente se torne mais agradável e cooperativo.

A segunda, atividades em grupo, é utilizada para desenvolver diversas habilidades e fortalecer vínculos. Propicia trocas de experiências e vivências, e favorece no desenvolvimento de capacidades como empatia e o respeito ao próximo que são essenciais para o convívio social. A resolução de situações-problema, a dança, jogos de cartas, são exemplos de atividades em grupo que contribuem para um processo de envelhecimento ativo e sociável.

Em terceiro, o grupo de projetos educativos pode ser utilizado para o exercício da memória do idoso. Além do estímulo para uma memória saudável, possibilita benefícios como a capacidade de desenvolver habilidades de concentração, autonomia e confiança. São exemplos para a prática desse exercício, atividades como contação de histórias, leitura, pintura e trabalhos manuais.

O quarto grupo de atividades é o grupo de trabalhos que envolve a coordenação motora é fundamental devido as alterações sofridas no corpo por questões biológicas com o avançar da idade. Atividades como exercício físico, é indispensável pois aumenta a resistência dos músculos, previne o desgaste e a fadiga. A ginástica é uma ótima opção para que os idosos se mantenham ativos e o alongamento para prevenir dores pelo corpo. Outra proposta para a coordenação motora são os jogos de quebra-cabeça e o jogo de paciência. Todas as opções mencionadas resultam em benefícios como o estímulo da memória, a melhora da coordenação motora e a interação social, além de propiciar a estabilização de algumas doenças neurológicas.

A quinta opção de prática pedagógica é trabalhar com memórias. É muito comum os idosos constantemente utilizarem a memória para suas lembranças e recordações com os familiares e conhecidos. O trabalho com memórias de idosos ainda é recente em nosso país, porém é uma prática que pode ser desenvolvida em instituições como asilos, hospitais, centro de convivência e outros. Essa prática promove a comunicação, a reflexão e a integração da experiência de vida dos idosos e para o pedagogo será um ponto de partida para conhecer melhor os seus educandos e desenvolver atividades. É uma prática importante pois leva em consideração as experiências de vida e do dia a dia dos idosos.

A execução de práticas pedagógicas com o sujeito em processo de aprendizagem possibilita conquistar a sua interação e atenção, e conseqüentemente elevar o rendimento da sua aprendizagem seja relacionado a conhecimentos, habilidades ou valores. No caso do educando idoso, além de contribuir para o seu desenvolvimento pessoal, possibilita

uma rotina significativa e agradável, autonomia em suas tarefas cotidianas e autoestima. É importante observar a condição do idoso para realizar determinada atividade, identificar se o idoso possui interesse em realizá-la, escolher atividades que promovam o seu desenvolvimento e participação, e focar nas habilidades que o idoso apresenta para que as atividades propostas possam expandi-las.

O idoso deve buscar o crescimento pessoal e buscar se adaptar as mudanças. Muitos não tiveram acesso aos conhecimentos oferecidos pela educação formal no tempo adequado devido a necessidade de trabalhar, cuidar da família ou por falta de condições para frequentar a escola. A educação na época em que os idosos de hoje eram jovens, havia uma pessoa detentora do saber cujo papel era transmitir o conteúdo. Hoje diante do novo modelo educacional há formas ativas para construir conhecimentos junto aos idosos, formas que buscam fazê-los compreender que a velhice é uma etapa da vida que deve ser vivida positivamente.

É certo que ainda há muito o que ser feito pelo governo e pela sociedade para garantir melhores condições de vida aos idosos. Todos devem se empenhar para que isso ocorra. Muitos são os desafios enfrentados para a educação de idosos e pelos professores que se dedicam a esse campo. O processo de envelhecer faz parte da nossa vida e é essencial estudar sobre a velhice pois nos permite compreender como ocorre esse processo, compreender que esse público tem um potencial e conhecer a problemática dos idosos. Dessa forma, podemos buscar meios para proporcionar uma melhor qualidade vida para eles. Pires e Lima (2007) afirmam que um envelhecimento bem-sucedido depende da educação, que tem, entre outras, a função de socialização das experiências de vida e incentiva a produção do saber.

### **CAPÍTULO III – AS UNIVERSIDADES ABERTAS PARA A TERCEIRA IDADE COMO EXPERIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO COM IDOSOS**

O presente capítulo visa exemplificar programas para o público 60+ presentes no Brasil e no mundo. Apresenta a primeira instituição a implantar programas destinados aos idosos no Brasil e exibe ainda uma instituição presente no estado de Goiás. Conta com contribuições dos autores Torres e Carrião (2017).

Visando ilustrar instituições voltadas a educação não-formal para idosos, temos as Universidades Abertas para a Terceira Idade (UNATI) presentes no mundo e em diversas universidades brasileiras. Enquanto universidade aberta, trabalha com a perspectiva de formação continuada, isto é, a aprendizagem ao longo da vida. Em relação aos objetivos, a UNATI busca através de pesquisas, respostas relacionadas ao envelhecimento, a qualidade de vida dos idosos, propostas de políticas públicas e a interação entre pessoas de diferentes gerações. É um programa que trabalha preferencialmente com pessoas a partir de 60 anos. Visa proporcionar aos idosos atividades que garantam a eles melhor qualidade de vida com atividades de lazer, cuidados com a saúde, orientações sobre alimentação e oportunidades de aumentarem seus conhecimentos.

A UNATI teve o seu início na França, no ano de 1973, com o professor Pierre Vellas que contou com a colaboração de colegas, professores e orientandos de pós-graduação da Universidade de Toulouse. Como diretor e especialista de Direto, o professor Vellas viajou pelo mundo, e por onde passou se incomodou com a situação das classes menos favorecidas nos países pobres nos âmbitos de educação, cultura, saúde, emprego e velhice. Esbarrou com problemas dos velhos franceses e relacionou os fatos. De acordo com o seu filho François Vellas, esse foi o cenário para a proposta da UNATI. A princípio, o programa foi pensado para aposentados que buscavam inovar suas atividades e voluntários que desejavam contribuir na construção social. Nesse sentido, a ideia do professor Pierre, sua posição na Universidade, somado com o desejo dos voluntários possibilitou a chance de conciliar uma instituição de ensino superior e pesquisa com uma parcela da sociedade. Em poucos anos a UNATI se espalhou pelo

mundo haja vista que os estudantes voluntários possuíam nacionalidades distintas e ao retornarem aos seus países, compartilharam essa experiência.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) considera idoso, no Brasil, a pessoa com idade igual ou superior a 60 anos. Os dados mostram que o número de idosos de 60 anos ou mais no país, passou de 9,8% para 14,3%. Por outro lado, percebe-se que houve uma queda na taxa de fecundação. Em 1960 o registro era de mais seis filhos por mulher e em relação aos anos 2000, de um filho. Houve uma queda de 5,5% em relação as crianças de zero a quatro anos e em relação aos jovens de 15 a 29 anos, houve queda de 3,8%. Em relação à população idosa, entre os anos de 2005 e 2015, houve um aumento de 4,5%, ou seja, saindo de 9,8% para 14,3%. De acordo com o IBGE (2016), a estimativa é de que a população idosa triplique de 19,6 milhões (10% em 2010) para 65 milhões de pessoas em 2050 (29,3%), portanto, a tendência é de envelhecimento. Com a queda de fecundação e aumento da perspectiva de vida, é necessário se atentar ao envelhecimento brasileiro haja vista que não há uma política para essa faixa etária. Esses dados merecem atenção por parte da sociedade e do poder público. A participação do governo em relação ao idoso precisa ser enxergada como investimento porque se não houver um planejamento para a demanda estimada de 29,3% de idosos em 2050, os problemas de saúde pública e previdência serão enormes. Os próprios idosos, famílias e a sociedade possuem suas responsabilidades nesse processo.

Idoso participativo e ativo não é conquista individual, e sim um dever do estado e da própria sociedade. O estado por obrigação constitucional e a sociedade num ato de reconhecimento ao que ele fez por ela. Por mais simples que seja o cidadão, ele sempre terá uma história edificante para contar. (CARRIÃO; TORRES, 2017, p.32).

Há duas teorias sobre o envelhecimento: A Teoria da Atividade e a Teoria do Desengajamento. De acordo com a Teoria da Atividade, quanto mais ativo o idoso, maior a chance de envelhecer bem. Essa teoria associa atividade e bem-estar. Em oposição, a Teoria do Desengajamento apresenta que o envelhecimento bem-sucedido é caracterizado pelo afastamento entre sociedade e idosos. O papel que cabe ao idoso, de acordo com essa teoria, se resume numa cadeira preguiçosa para observar o tempo passar. A prática baseada nessas teorias tem sua devida importância. Todavia, o trabalho envolvendo idosos precisa enxergá-lo, levar em consideração suas demandas e dessa forma, se essa demanda existe, ela precisa ser oferecida.

A melhor maneira de atingir um bom resultado é através da educação. Infelizmente ainda há uma parcela da sociedade que trata o envelhecimento como doença e negam que o idoso seja capaz de desenvolver certas atividades. Há também idosos que rejeitam e/ou negam a velhice. A educação contribui para instruir o idoso a decidir de maneira consciente a não se condicionar inteiramente a determinadas situações. A solidão que acompanha o idoso por exemplo, é uma característica do mundo contemporâneo. De repente a pessoa de 60+ não tem atividades para fazer no dia a dia e a falta dessas atividades provoca a solidão. Existem pesquisas que mostram que quando as pessoas não vivenciam sentimento de solidão, há menos possibilidade de desenvolverem doenças como depressão. Quando os idosos entrem em contato com outros sujeitos, há estímulo cognitivo e de sinapses. Com o passar dos anos percebemos que cada vez mais os idosos buscam novas alternativas, praticam exercícios, participam de grupos de idosos seja de cunho religioso, cultural ou de lazer. Essa busca é muito importante pois insere estes sujeitos no meio social, contribui para o resgate de autoestima e de valores pessoais.

A primeira instituição no Brasil a implantar os primeiros programas destinados à terceira idade foi o SESC promovendo assistência especializada para essa faixa etária de forma autônoma sem assistência religiosa ou de instituições de caridade. Usando o saber científico como inspiração, buscou uma identidade própria. Atualmente o SESC tem patrocinado movimentos sobre duas perspectivas teóricas. A primeira diz respeito a educação que promove e estimula a integração social de idosos e a segunda que concebe um envelhecimento melhor aos idosos que através de atividades educativas mantém a mente ativa, evitando a degradação cognitiva e conseqüentemente tornando a busca de conhecimentos contínua.

Existe uma parcela de aposentados que retornam ao mercado de trabalho seja formal ou informal devido a necessidade de complementar a renda familiar. Em alguns casos, por não se adaptarem à “vida de aposentado” buscam se ocupar com alguma atividade. As mulheres são as mais frequentes nos programas para idosos devido ser mais complexo para o homem o pós-aposentadoria. Boa parte dos que procuram a UNATI, são pessoas que desejam uma compensação de conhecimento e em outros casos buscam disciplinas teóricas por possuírem escolaridade de nível superior ou médio.

De acordo com registros, as UNATIs apareceram no Brasil nos anos oitenta, demonstrando interesse no atendimento ao idoso, todavia, diferente daquele desenvolvido pelo SESC. As UNATIs são cursos não-formais com aulas presenciais uma ou duas vezes por semana que intenciona promover a socialização do idoso. Dessa forma opta por

atividades culturais como a dança, o teatro, a música; atividades que envolvem fisioterapia, orientações alimentares, alfabetização, entre outras. São aulas com conteúdo diversificado de diversas áreas que tem em vista fazer com que o idoso se sinta como protagonista da própria vida e se sinta ainda capaz de construir novos caminhos. São ofertadas atividades que promovem o envelhecimento com uma vida ativa estimulando cognitivamente, corporalmente, além das questões afetivos-sociais. Sua função é ser um lugar onde não haja a propagação da imagem assistencial reducionista que qualifica os idosos. É um espaço que torna possível dialogar sobre a velhice e tudo que ela implica fazendo com que o sujeito (idoso) seja valorizado e conceituado.

Importa-nos pensar sobre a possibilidade de um tipo de educação de responsabilidade. Também como prática da liberdade, universal no seu caráter, e essencial à completa democratização da aprendizagem, caracterizada pela sua flexibilidade e diversidade de conteúdo, com atividades, metodologias e finalidades abertas ao tempo e ao espaço. (CARRIÃO; TORRES, 2017, p.43).

Presente em nosso estado, temos a UNATI da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. A PUC, enquanto Universidade é composta por um tripé: o ensino, a pesquisa e a extensão. Conta com a pró-reitoria de extensão e apoio estudantil que é responsável por todas as ações de extensões existentes na Universidade. Dentro dessa pró-reitoria existem várias coordenações sendo uma delas a Coordenação de Estágio e Extensão (CDEX). Adentro a CDEX existe o programa de Gerontologia Social (PGS). O PGS é um programa que iniciou especificamente uma ação com a UNATI. Esse programa trabalha juntamente com os diferentes âmbitos da universidade e da sociedade com o objetivo de contribuir na formulação de políticas públicas em relação ao idoso possibilitando-lhe o acesso à universidade na perspectiva de uma educação continuada. Como objetivo geral, o PGS visa contribuir para uma nova concepção da velhice e do envelhecimento, assim como provocar discussões e reflexões sobre suas implicações nos vários âmbitos da vida numa perspectiva que promova articulações do programa nas instâncias do ensino, pesquisa e extensão.

Torres (2017) afirma que a UNATI da PUC Goiás, está estreitamente ligada a concepção e desenvolvimento de modelos e programas que são resposta socioeducativa. Visa criar e planejar atividades sociais, educacionais, culturais, científicas, de aprendizagem e convívio. Se baseia no conceito de aprendizagem ao longo da vida e nos princípios da Gerontologia Educativa. Dessa forma, o conhecimento obtido é construído



através de diálogos entre os participantes de níveis e ritmos de aprendizagens distintos. A UNATI possui como centro a proposta que privilegia uma concepção humanista onde todo sujeito é passível de modificação e se encontra em processo contínuo de educação.

O semestre letivo da UNATI tem duração de três meses sendo de março a julho e de setembro ao início de dezembro. A carga horária de cada disciplina pode variar de acordo com o conteúdo proposto por professores ou voluntários. Conforme mencionado, os encontros ocorrem uma ou duas vezes por semana com duração de 90 minutos com horários disponíveis de segunda à sexta-feira no período matutino e vespertino. São oferecidas disciplinas que contemplam várias áreas do conhecimento. É importante destacar que durante o ano ocorre eventos com temas que atendem as sugestões dos próprios alunos como cine-debate, idas a museus, entre outros. De acordo com Carrião e Torres (2017), os primeiros resultados foram surpreendentes, aulas criativas, diminuição da evasão, maior interatividade e colaboração entre eles. Vários estudos comprovaram que a Universidade da Terceira idade, além de um projeto educativo e formativo, caracteriza em projeto social e de saúde. O projeto contribui para a melhoria da qualidade de vida dos idosos, assim como a prevenção para o isolamento e exclusão social.

O PGS luta para a mudança do nome da UNATI devido a terminologia “Terceira Idade” haja vista que a velhice é uma construção social assim como a infância. Quando utilizamos a terminologia melhor idade ou terceira idade, está associada a uma velhice que é maquiada. O termo melhor idade foi construído como reflexo de uma etapa da vida que a pessoa irá usufruir daquilo construiu ao longo da vida, poder viajar e não ter a vida corrida, por exemplo. O fato é que nem todos possuem condições para usufruir e ter essa “melhor idade”. Por essa razão, as instituições que estudam a velhice não concordam com essas terminologias devido ao efeito de maquiarem a realidade sendo que na verdade ela não é a mesma para todos. Cada velhice acontece dentro das suas condições e do seu contexto.

Há vários depoimentos de pessoas idosas que afirmam ter mudado suas vidas através da UNATI. São pessoas que alegam ter parado de tomar remédios, terminarem relacionamentos abusivos, aprenderem a lidar com a morte, sentirem prazer em satisfazer suas necessidades, além de terem a oportunidade de estudar ou dar continuidade aos estudos. São relatos de pessoas que afirmam se sentirem incluídas, amadas e acolhidas. Uma idosa afirma que a criação das UNATIs veio colaborar com a população idosa para preencher o vazio de suas vidas. Vários idosos que buscaram a educação depois de 60 anos são pessoas que se dedicaram a família ou a atividades que lhes garantissem a

sobrevivência e ao chegarem à terceira idade com saúde controlada e boa capacidade intelectual, ingressam em cursos e/ou atividades para aumentar os seus conhecimentos em diversas áreas gerando a satisfação de estarem fazendo o que gosta e para alguns até realizando sonhos que foram guardados. Outra idosa relata ter acompanhado o esforço das pessoas idosas iletradas que não tiveram oportunidade de serem alfabetizadas quando novos, o desenvolvimento desses alunos e a alegria deles em aprenderem a ler e escrever.

Diante do exposto, percebemos a importância de programas voltados para a terceira idade. Esses programas oferecem a seus participantes a possibilidade de ampliar seus conhecimentos e círculo de amizade, além de ser significativo para esse grupo fazer o que gosta, redescobrir o seu potencial, se sentir acolhido e valorizado. Tudo isso contribui para a melhoria da qualidade de vida dos idosos. Haja vista que a estimativa é que a população idosa aumente, é importante buscar meios que proporcionem aos idosos uma convivência melhor com o mundo em que estão inseridos e busque ainda proporcionar uma velhice digna.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou investigar em que medida a educação popular tem contribuído com educandos idosos. O tema: Pedagogia e idoso: Um olhar da Educação Popular e dos aspectos pedagógicos se propôs entender a importância da educação popular para o educando idoso, identificar quais os desafios os idosos enfrentam na busca pela aprendizagem por meio da educação popular e analisar a forma como a educação popular pode estimular o educando idoso. O ponto positivo desta pesquisa foi estudar sobre esse importante assunto que necessita de atenção haja vista que a estimativa para os próximos anos é de uma população envelhecida. O ponto negativo foi o fato deste tema ser pouco abordado apesar da sua importância.

Por meio da pesquisa realizada, percebemos que a educação popular é importante para o educando idoso no sentido de proporcionar a ele uma vida ativa e de qualidade. Contudo, nota-se que este público se depara com vários desafios na busca pela aprendizagem, dentre eles podemos mencionar a necessidade de se dedicarem a família ou a atividades que lhes garantem a sobrevivência, a falta de políticas públicas específicas para essa faixa etária, a escassez de programas adequados para idosos, entre outros. No entanto, através das pesquisas deparamos com a existência das Universidades Abertas para a Terceira Idade presentes no Brasil e no mundo que trabalham com a perspectiva de formação continuada, ou seja, a aprendizagem ao longo da vida. Enquanto universidade aberta, oferta atividades que visam promover o envelhecimento com uma vida ativa estimulando cognitivamente, corporalmente, além das questões afetivos-sociais através de conteúdo diversificado de diversas áreas que tem em vista fazer com que o idoso se sinta como protagonista da própria vida e se sinta ainda capaz de construir novos caminhos.

Para alcançarmos os objetivos propostos, percorremos diversos autores. Inicialmente, para compreender as produções no campo da educação popular e de idosos, foi realizado um levantamento no banco de teses e dissertações da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e das discussões da educação popular e educação de idosos em livros de autores brasileiros que serviram para entendermos a importância e influência das contribuições freiriana para essa temática.

No segundo momento, a pesquisa foi direcionada as práticas educativas com pessoas idosas no qual foi apresentado as principais dimensões que envolvem essas práticas e alguns exemplos de atividades para o trabalho com idosos. Através deste estudo, chegamos à conclusão de que não existe uma pedagogia própria para o idoso, existem técnicas de trabalho com pessoas idosas haja vista a necessidade de levar em consideração suas demandas, experiências e vontades.

Por fim, levantamos como se deu o surgimento das UNATIs. Através deste levantamento identificamos a primeira instituição a implantar programas destinados aos idosos no Brasil. Buscamos ainda apresentar o trabalho da UNATI no estado de Goiás. A pesquisa elucidou a importância dos programas voltados para a terceira idade e o quanto eles contribuem para a melhoria da qualidade de vida dos idosos. Proporciona resultados surpreendentes e significativos promovendo a interação, prevenção de doenças, além de proporcionar ao idoso o sentimento de ser valorizado e acolhido.

Não desmerecemos a educação formal. O intuito de trabalharmos com a temática da educação não-formal é viabilizar o acesso à educação para os idosos visto que muitos não tiveram acesso quando mais novos e em outros casos, para aqueles que tiveram acesso à educação básica e/ou superior, possam dar continuidade aos estudos. Pensamos que esta pesquisa possa ser motivadora de outras pesquisas que valorizem a população idosa em seu percurso formativo humano e que possa ainda contribuir para essa temática.

## REFERÊNCIAS

- BUAES, Caroline Stumpf. Educação Financeira com Idosos em um Contexto Popular. **Educação & Realidade**. Porto Alegre. v.40, n.2, p.105-127, jan/mar. 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edreal/a/5DHXJLjd7vzjMVMzxSZJzjC/?lang=pt>> acesso em: 09 de abr. 2021.
- CARVALHO, Teresinha Augusta Pereira de. **Geropedagogia: Educar para Envelhecer**. Ponta Grossa: Atena, 2020.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer: teoria prática em educação popular**. Petrópolis: Editora Vozes, 1989.
- GOHN, Maria da Glória Marcondes. Educação Popular na América Latina no novo milênio: impactos de um novo paradigma. **ETD – Educação Temática digital**. Campinas, v.4, n.1, p.53-77, dez 2002.
- GOI, Lourdes Lúcia; PEREIRA, Débora Gene; VEIGA, Cristina de Assis. **A importância do pedagogo e da pedagogia do sujeito idoso**. Humanidades & Inovação, v.5, n.7, Palmas, 2018.
- PEREIRA, Fabiola Andrade. **Educação de Pessoas Idosas: Um estudo de caso da Universidade da Maturidade no Tocantins**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, p.218. 2016.
- PINI, Francisca Rodrigues. Educação Popular em Direitos Humanos no processo de alfabetização de jovens, adultos e idosos: uma experiência do projeto MOVA-Brasil. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. v.35, n.1, p.23, set./fev. 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edur/a/jHc5dNLjnXqTwP4V8XxrwKF/?lang=pt>> acesso em: 09 de abr. 2021.
- PIRES, Lenísia Silva; LIMA, Sueli Azevedo de Souza da Cunha. **O pedagogo e a pedagogia do envelhecer**. Fragmentos de cultura, Goiânia, v. 17 n. 3/4 p. 403-419, mar./abr. 2007
- TORRES, Lisa Valéria; Carrião, Luiz Humberto. **Universidade da Terceira idade: lugar de idoso também é na escola**. Goiânia: PUC Goiás, 2017.
- VIEIRA, Celia Maria de Souza Sanches. **Práticas Pedagógicas para Terceira Idade: o caso da UNATI**. Interagir: pensando a extensão, Rio de Janeiro, n.8, p.103-110, ago./dez. 2005.